

▼ FESTA DO KUARUP

Um “guerreiro” diferente no Xingu

Presidente da Funai pintou-se de urucum e genipapo e surpreendeu o Ministro da Justiça Nelson Jobim

RUDOLFO LAGO
Enviado Especial

Parque do XinguUm guerreiro magro, meio barrigudo, bem mais branco do que os outros, com uma estranha barbiça e uma sunguinha preta, chamava a atenção entre os índios que estavam paramentados para a luta do huka-huka, um dos pontos altos da festa do Kuarup, no Parque Indígena do Xingu. “Precisamos nos aproximar dessas pessoas, acabar com a cara opressora do Estado”, explicava, convicto, o presidente da Fundação Nacional do Índio, Julio Geiger. Com esse princípio, Geiger não teve dúvida: pintou-se de urucum e genipapo e paramentou-se como um legítimo índio xinguano.

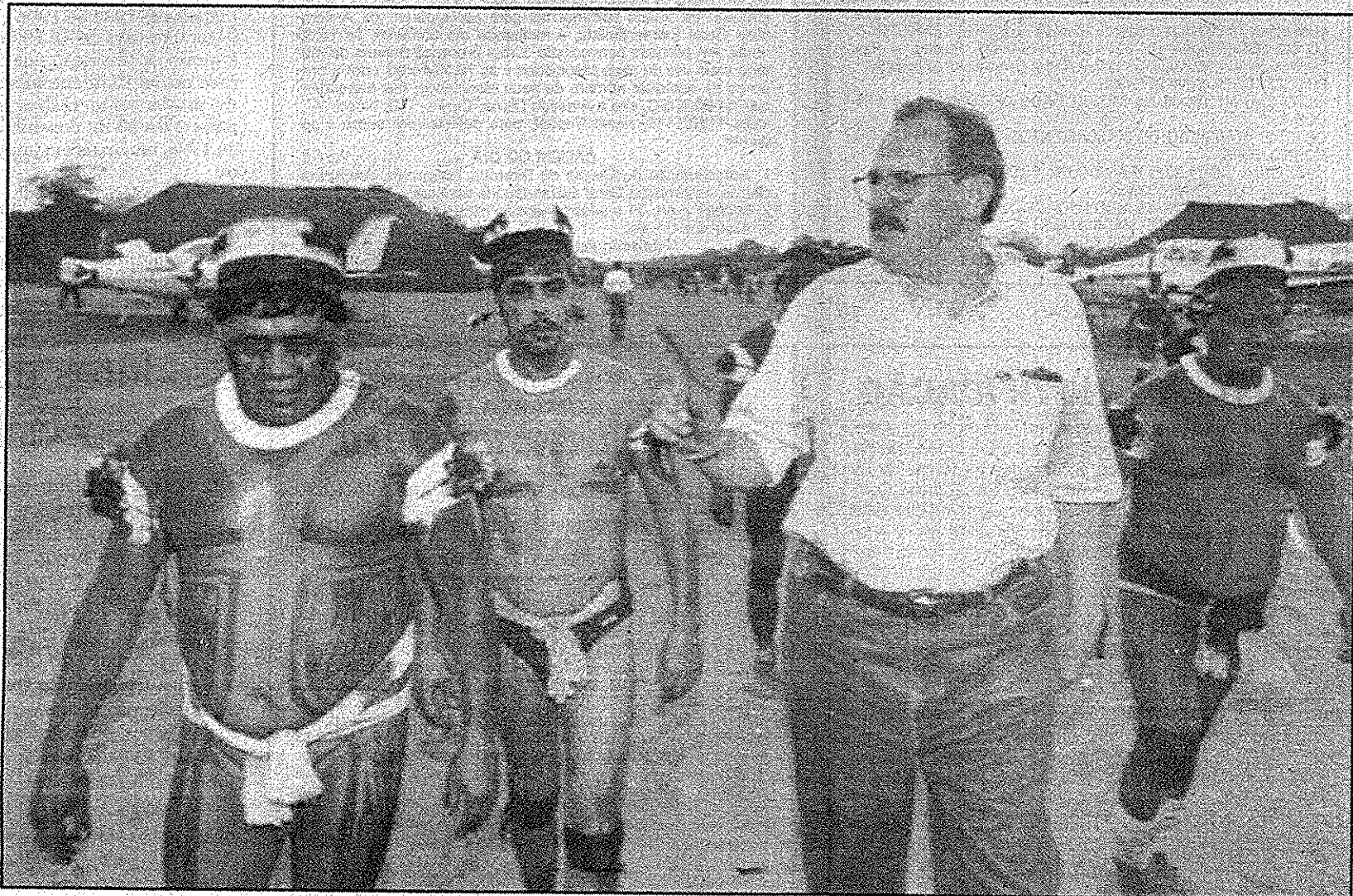
Geiger contrastava com o ministro da Justiça, Nelson Jobim, austero, vestido com uma calça jeans e uma camisa xadrez, com o inseparável cachimbo à boca. Quando Jobim chegou ao parque, na tarde de sábado, Geiger já estava lá. Jobim cumpriu o cacique Tabata e depois olhou de alto a baixo aquela tentativa não muito convincente de fantasia de índio. “Isso é coisa de Geiger”, comentou, com um ar de reprovação.

A indumentária indígena do presidente da Funai não surpreendeu Jobim. Geiger informara ao ministro que pretendia usar as pinturas e os enfeites dos índios. Jobim pediu apenas uma coisa: “Só não me tira a roupa”. Obediente, Geiger era o único guerreiro de sunga preparado para o huka-huka.

O próprio Jobim aparentemente quebrou a recomendação feita para Geiger por volta da meia-noite de sábado. O ministro esperou que todos fossem dormir e desceu em silêncio para a lagoa próxima à aldeia. Foi flagrado com a água pelo pescoço e só levantou-se quando todos foram embora. Não se sabe exatamente se Jobim estava nu ou não.

Já é a segunda vez que Jobim assiste à festa dos mortos dos índios do Xingu. Todos os anos, todas as aldeias do parque reúnem-se para celebrar os que morreram naquele ano, numa cerimônia que dura dois dias.

Recomendação



Surpreendido por Julio Geiger (C), que vestiu-se como os índios, o ministro Nelson Jobim (D) só fez um pedido: “Só não tira a roupa”

Ritual é usado para saudar os mortos

Kuarup é um ritual praticado pelos índios que habitam a região sul do Parque Indígena do Xingu. Participam da festa os índios Kuikuru, Kalapalo, Matipu, Nahukwá, Mehináko, Awéti, Kamayurá, Yawalapiti, Waurá e Trumai. Durante a estação da seca, entre os meses de agosto e setembro,

esses índios reúnem-se em uma das aldeias para saudar os mortos daquele ano, encerrando o período de luto. A morte de um índio de grande prestígio social define qual aldeia sediará naquele ano a festa do Kuarup.

A família desse morto será a anfitriã da festa. Providenciara comida e fogo para

todos os demais índios que participarão do Kuarup. Troncos de árvore são fixados no centro da aldeia. Eles representarão os mortos. No início da festa, dois tocadores de flauta percorrem a aldeia entrando nas malocas, numa espécie de convite para a cerimônia. Mais tarde, os familiares se aproxi-

nam dos troncos e começam a paramentá-los com cocares, colares, faixas e outras enfeites.

Enquanto as famílias choram seus mortos, dois pajés rezam e tocam chocalhos. No início da noite, os guerreiros daquela aldeia que lutarão no domingo o huka-huka dançam, numa espécie

de apresentação dos atletas. Os índios das outras aldeias ficam acampados em volta da aldeia que sedia a festa. As danças e lamentações prosseguirão por toda a noite.

No domingo, há o torneio de huka-huka, uma competição que lembra a luta greco-romana.

TELEFOTO/CACALOS GARRASTAZU/AGÊNCIA RBS/DC/Xingu